

Panorama Mercado de Trabalho

**Centro de Políticas Públicas do Insper
Setembro de 2014**

Apresentação

Com o objetivo de ampliar o debate sobre a economia brasileira e o mercado de trabalho e difundir informações para subsidiar o mesmo, o Centro de Políticas Públicas do Insper divulga o “Panorama do Mercado de Trabalho”. Nessa apresentação, utilizamos informações sobre taxas de inatividade e desemprego, salários médios e horas trabalhadas para mostrar as tendências mais gerais do que vem ocorrendo no mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos.

Notas Metodológicas

Salários Médios

Os valores apresentados para os salários correspondem às médias dos salários do trabalho principal, para todas as pessoas ocupadas com salários positivos e 10 anos ou mais de idade. Fizemos cálculos, em primeiro lugar, para 5 faixas educacionais que correspondem aos seguintes graus, completos ou incompletos: primeiro ciclo do Ensino Fundamental (até 4 anos de estudo), o segundo ciclo do Ensino Fundamental (de 5 a 8 anos de estudo), Ensino Médio (de 9 a 11 anos de estudo), o Ensino Superior (de 12 a 16 anos de estudo) e pós-graduação (17 a 18 anos de estudo). Para manter a comparabilidade ao longo do tempo, os valores foram deflacionados para 1º de Outubro de 2013, utilizando-se a série histórica do INPC com as modificações sugeridas por Corseuil e Foguel (2002), disponível no website do Ipeadata.

CORSEUIL, C. H. e FOGUEL, M. N. Uma sugestão de Deflatores para Rendas Obtidas a Partir de Algumas Pesquisas do IBGE. Rio de Janeiro, Ipea, Texto para Discussão nº 897, 2002.

Notas Metodológicas

Taxa de Desemprego e Inatividade

As taxas de desemprego e inatividade foram calculadas usando informações sobre População Economicamente Ativa (PEA), População Não Economicamente Ativa (PNEA) e População Desocupada (PD), considerando todos os indivíduos com 10 anos ou mais de idade. A taxa de inatividade foi calculada como a razão entre a PNEA e o total de pessoas com 10 anos ou mais. A taxa de desemprego foi calculada como a razão entre a PD e a PEA. Para verificarmos o comportamento do mercado de trabalho para diferentes grupos de idade, calculamos estatísticas para as seguintes faixas etárias: maiores de 10 anos, pessoas com entre 10 e 22 anos, entre 22 e 50 anos e maiores de 50 anos.

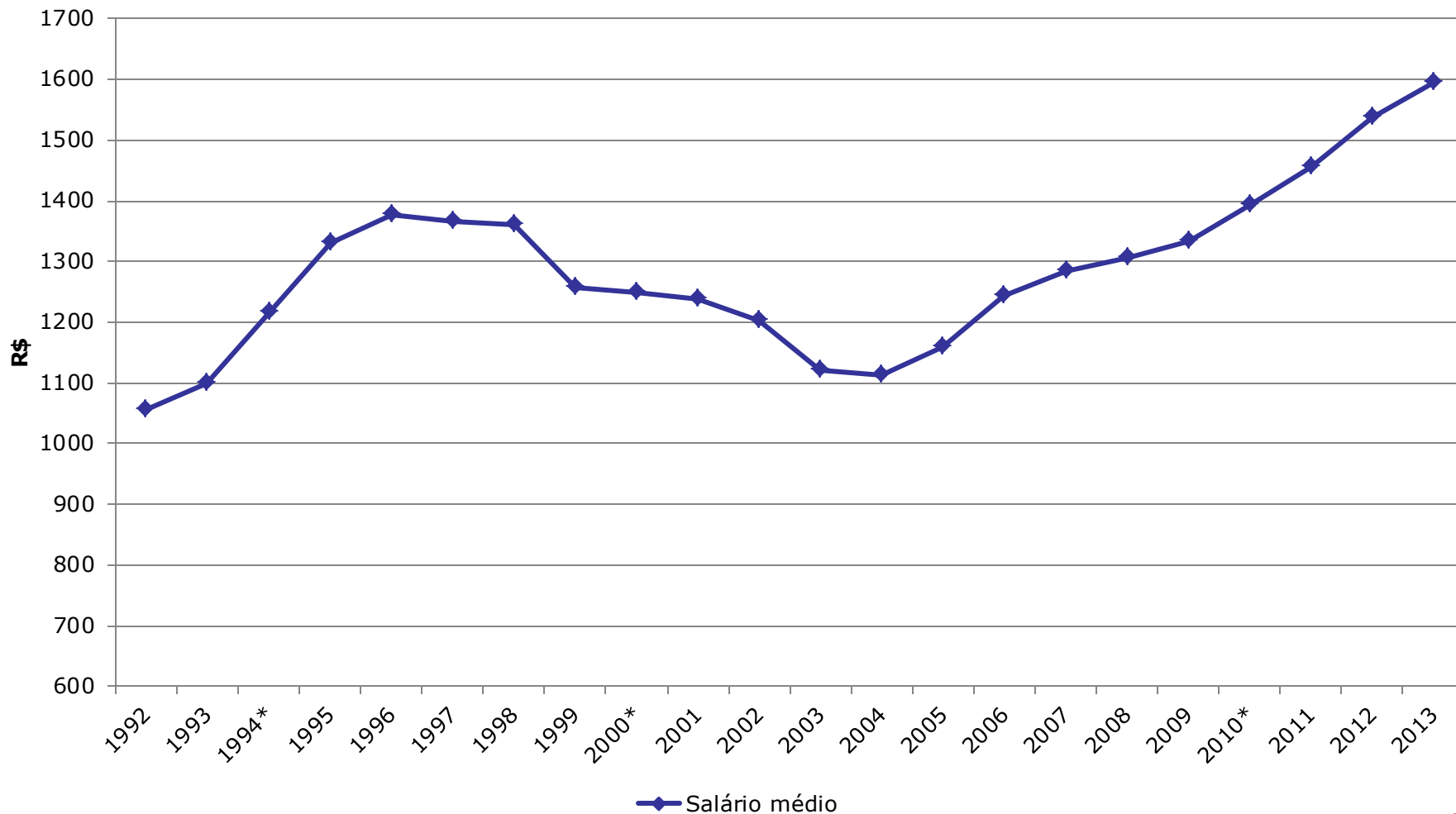
SALÁRIO MÉDIO

Salário Médio Mensal por Faixa de Escolaridade

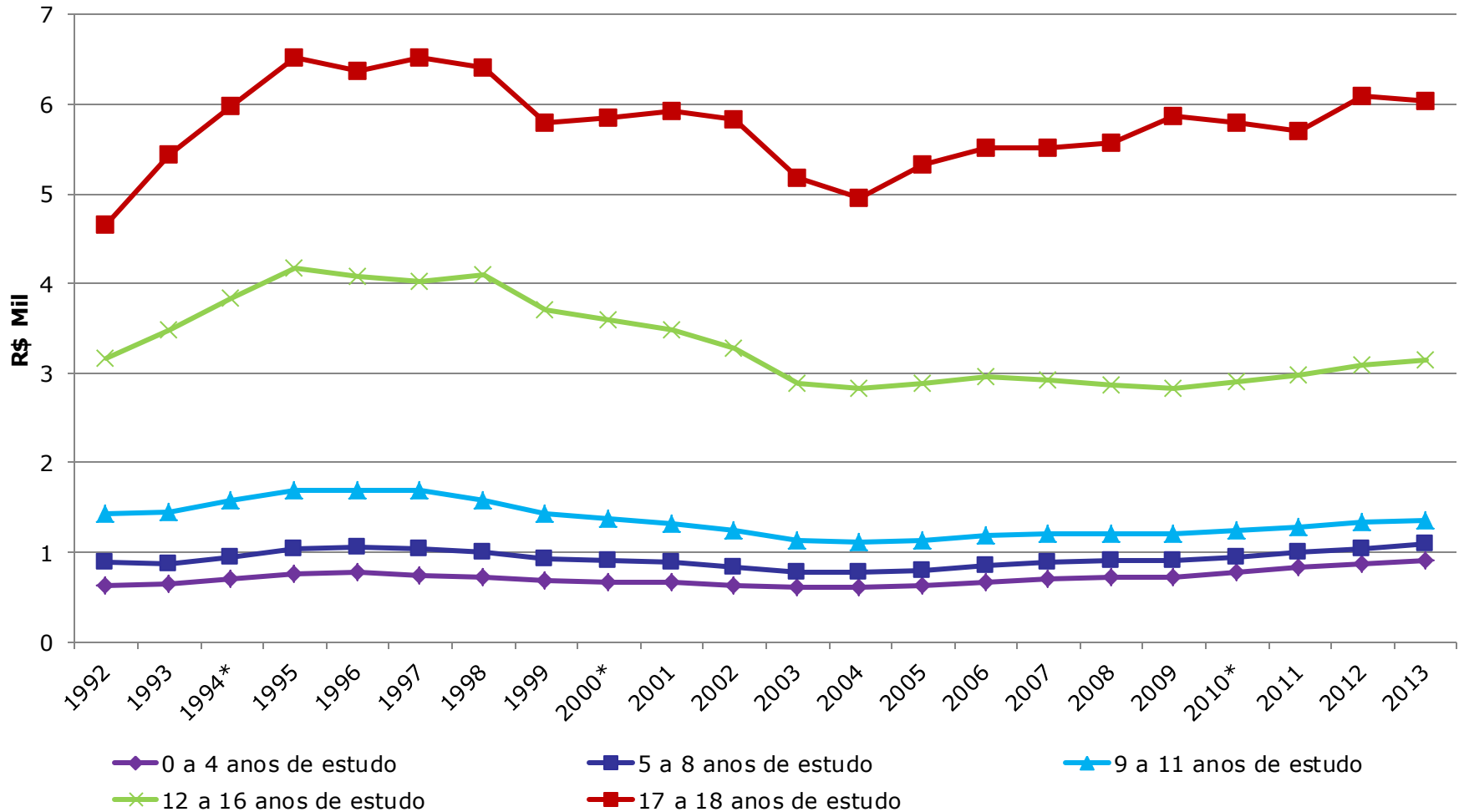
O gráfico 1 nos mostra que o salário médio do trabalho principal apresentou crescimento geral entre 1992 e 2013, com oscilações relevantes. Há dois períodos de crescimento, entre 1992 e 1995 e entre 2004 e 2013. Entre eles houve um período de estagnação do salário entre 1995 e 1998, seguido de redução entre 1998 e 2004.

No gráfico 2, observa-se o salário médio do trabalho principal por faixa de escolaridade da população brasileira. Há uma forte correlação entre o grau de escolaridade e os salários médios. Os valores médios do período como um todo foram de, respectivamente, R\$ 713,63, R\$ 927,27, R\$ 1.358,44, R\$ 3.328,94 e R\$ 5.769,87. Um fato que se destaca no gráfico é o aumento, entre 2004 e 2012, dos ganhos médios dos brasileiros com algum ano concluído na pós-graduação (17 ou 18 anos de estudo), além do aumento persistente dos salários para aqueles com até o Ensino Fundamental concluído.

Salário Médio Mensal



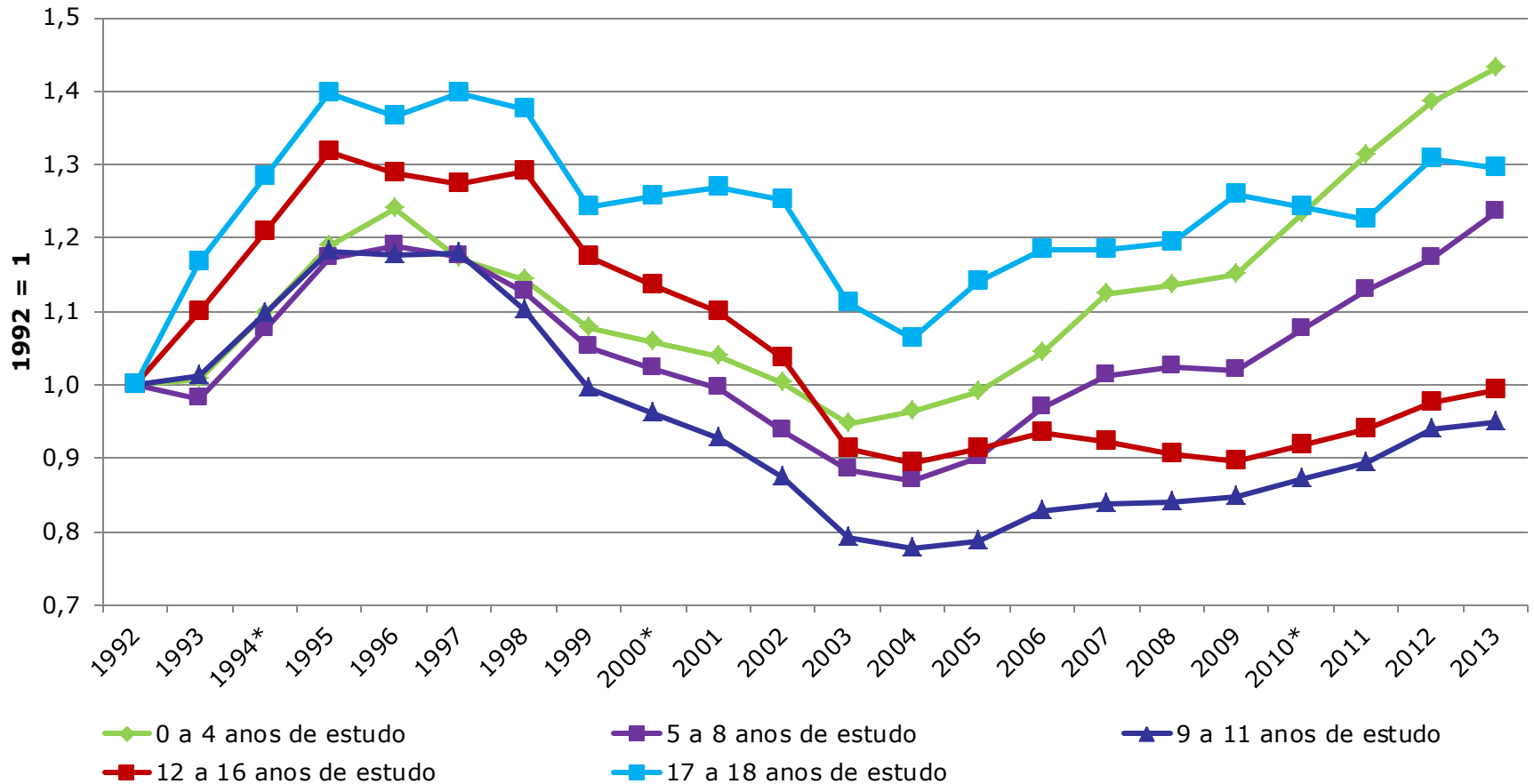
Salário Médio Mensal por Anos de Estudo



Salário Médio Mensal por Anos de Estudo

O gráfico 3 fixa o ano de 1992 igual a um, de maneira que pode-se comparar a evolução dos salários médios de todas as faixas educacionais em uma mesma escala. O que se observa no gráfico, grosso modo, são tendências de crescimento em todas as faixas de escolaridade até o ano de 1995, mais acentuadas nas duas faixas de maior escolaridade, seguidas de queda até 2004. A partir de então, houve relativa estabilidade dos salários para a população que completou algum ano da graduação (o que provavelmente possui relação com a expansão desse grau de ensino), enquanto para as demais faixas educacionais houve aumentos mais expressivos. Vale chamar a atenção para o fato de que aqueles com Ensino Médio incompleto até Superior completo apresentaram decréscimo real da renda no período como um todo. Além disso, houve forte tendência de aumento dos salários para população com até 4 anos de estudo ou com algum ano de estudo na pós-graduação, respectivamente a partir de 2003 e 2004.

Evolução do Salário Médio Mensal por Anos de Estudo

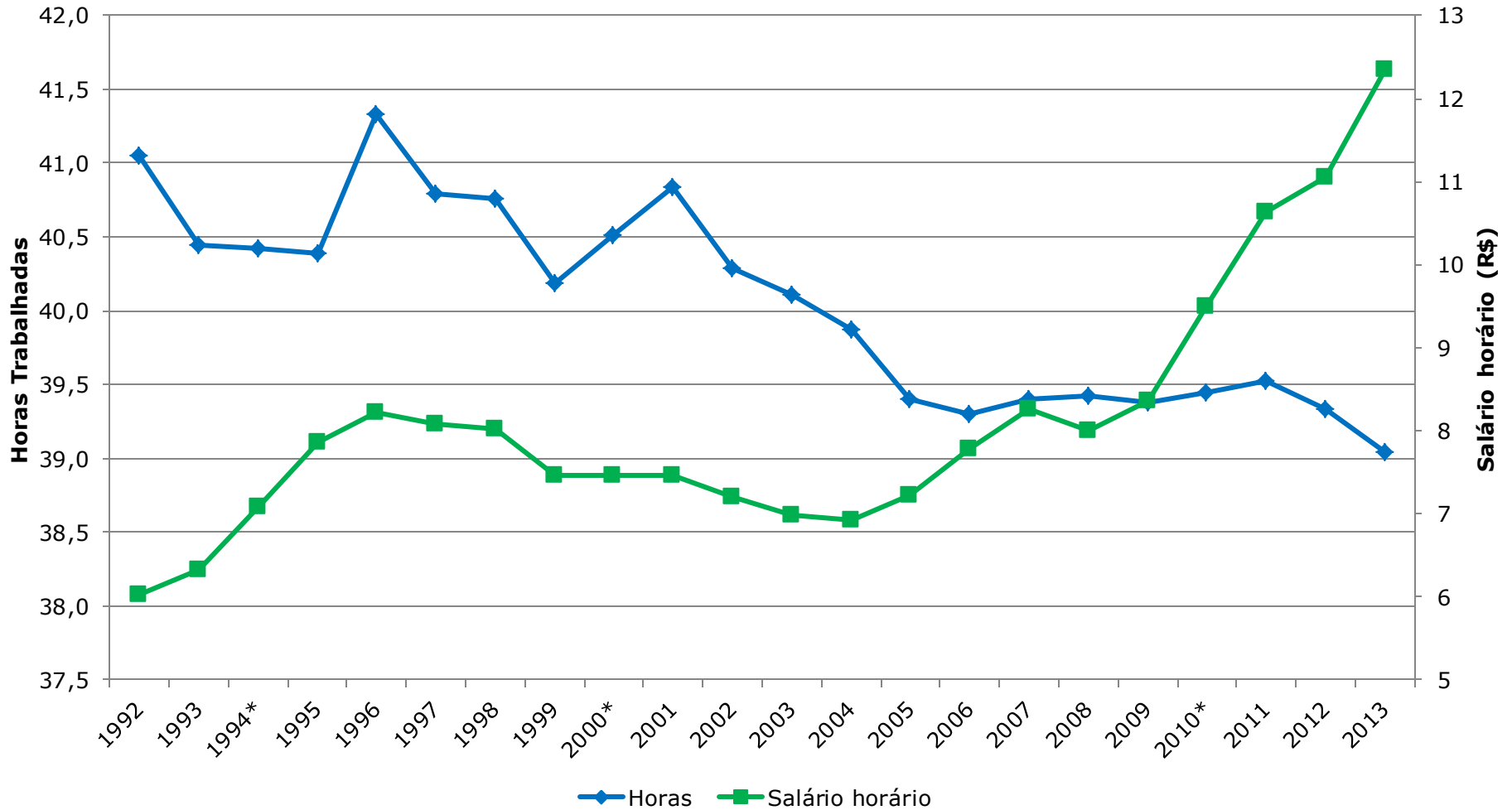


Horas Trabalhadas e Salário Horário

O salário mensal pode variar devido às mudanças nas horas trabalhadas ou no salário recebido por hora de trabalho. O gráfico 4 mostra essas duas variáveis, referentes ao trabalho principal. É possível observar que houve redução das horas trabalhadas no período como um todo, 41 horas em 1992 para 39 horas em 2013 (-4,8%). O salário horário, por sua vez, apresentou crescimento de R\$ 6,03 para R\$ 12,34 no mesmo período (104%).

Entre 1992 e 1995 as horas de trabalho reduziram enquanto que o salário horário cresceu fortemente. Entre 1995 e 2004 as duas variáveis tiveram decréscimo, enquanto que de 2005 a 2011 as horas de trabalho se mantiveram estáveis com crescimento do salário. Observa-se redução do salário horário em 2008, possivelmente devido aos efeitos da crise internacional. Nos últimos dois anos da série, o salário horário manteve crescimento, enquanto as horas de trabalho se reduziram.

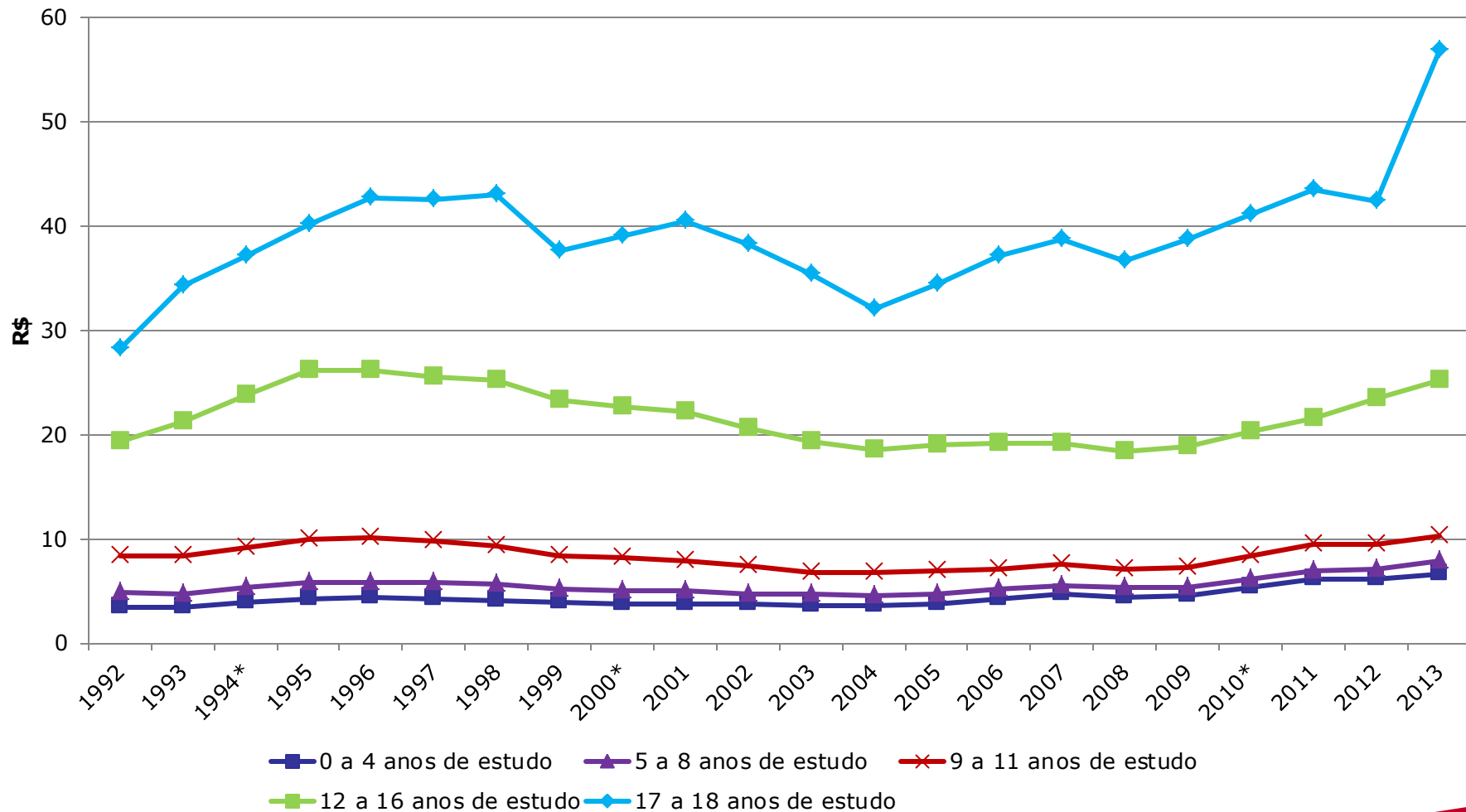
Horas Trabalhadas e Salário Horário



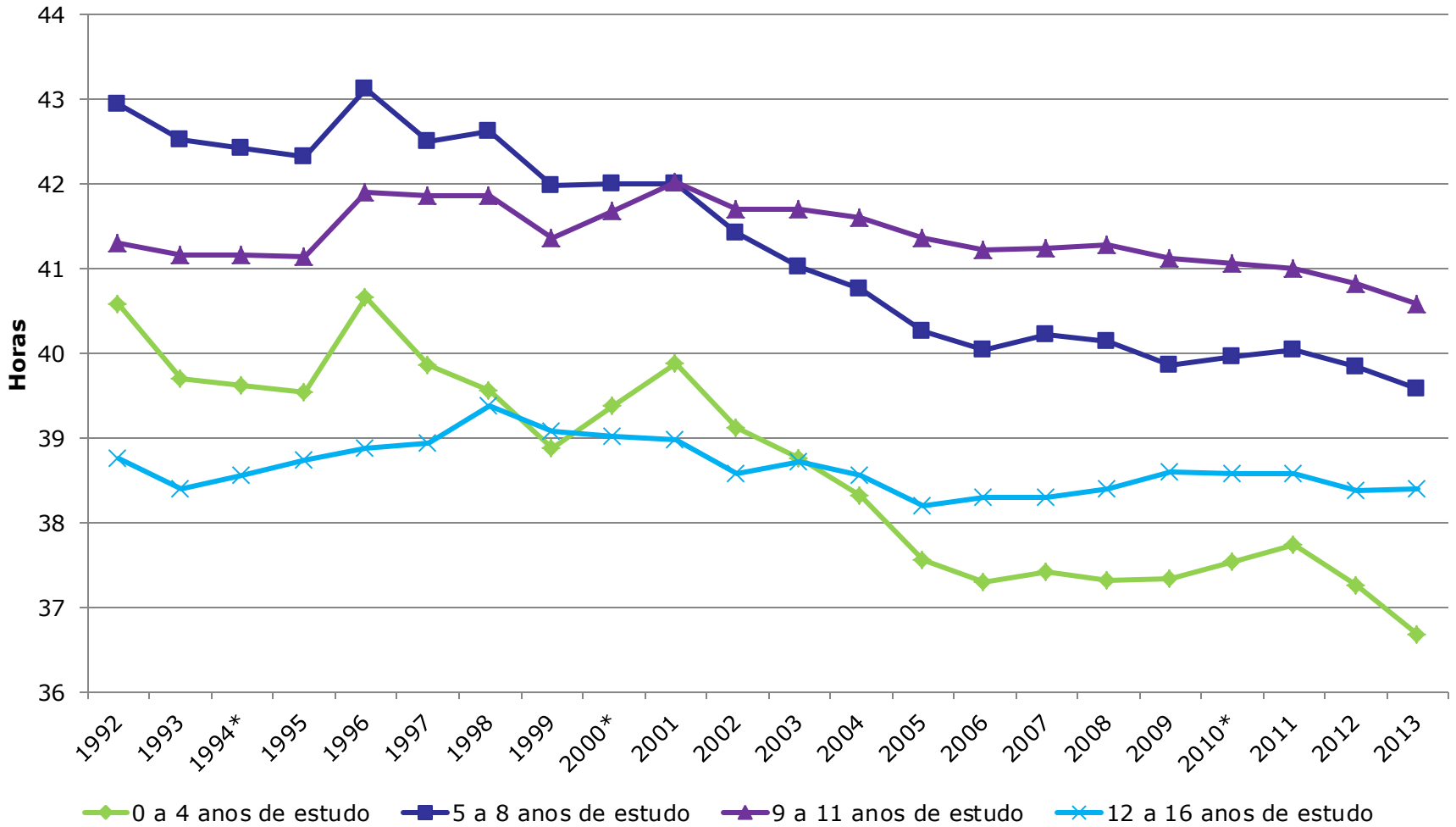
O gráfico 5 representa as horas trabalhadas em média no trabalho principal por faixa de escolaridade. Em todo o período, as médias são maiores entre aqueles com graus intermediários de ensino (2º ciclo do Fundamental e Ensino Médio). Além disso, parece haver certo paralelismo entre as trajetórias dos dois maiores graus de escolaridade e entre os dois menores. A redução das horas trabalhadas entre 1995 e 2005 (período com as maiores taxas de desemprego) parecem ser puxadas especialmente pela faixas de escolaridade menor, com até 8 anos de estudo.

O gráfico 6, do salário horário no trabalho principal por faixa educacional, reproduz a disparidade dos salários mensais por escolaridade (gráfico 1). Já sem os efeitos da redução das horas trabalhadas, o crescimento do salário horário (gráfico 7) nos últimos anos foi mais intenso do que o do salário mensal em todas as faixas de escolaridade. Os ganhos foram relativamente maiores entre as faixas de 17 a 18 anos de estudo, registrando aumento de 102% no período como um todo, especialmente entre 2012 e 2013. Também chama a atenção os ganhos das faixas de 0 a 4 anos de estudo com crescimento de 94%, porém com patamar inicial muito baixo (R\$ 3,4/hora em 1992).

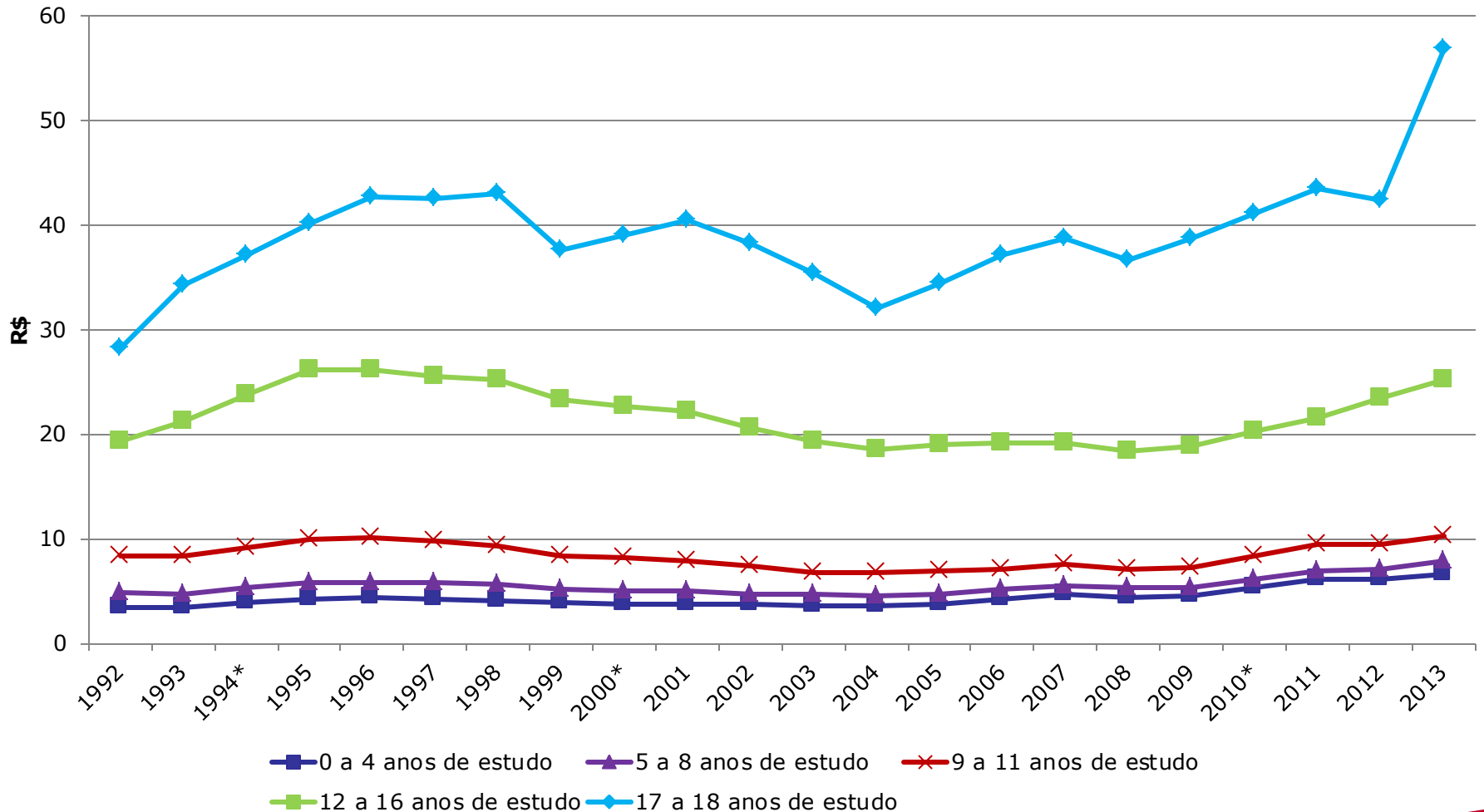
Salário Horário por Anos de Estudo



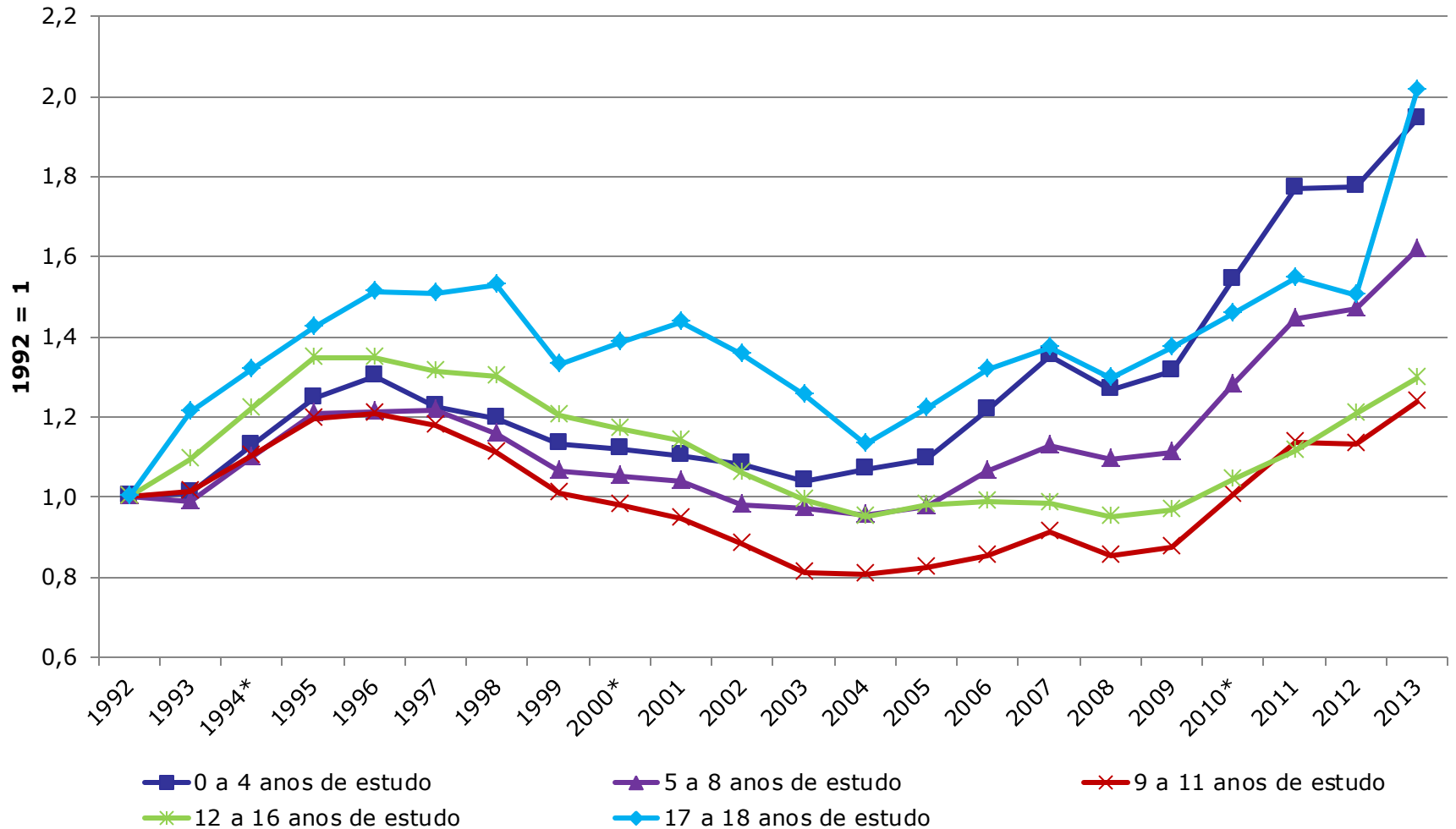
Horas Trabalhadas



Salário Horário por Anos de Estudo



Evolução do Salário Horário por Anos de Estudo

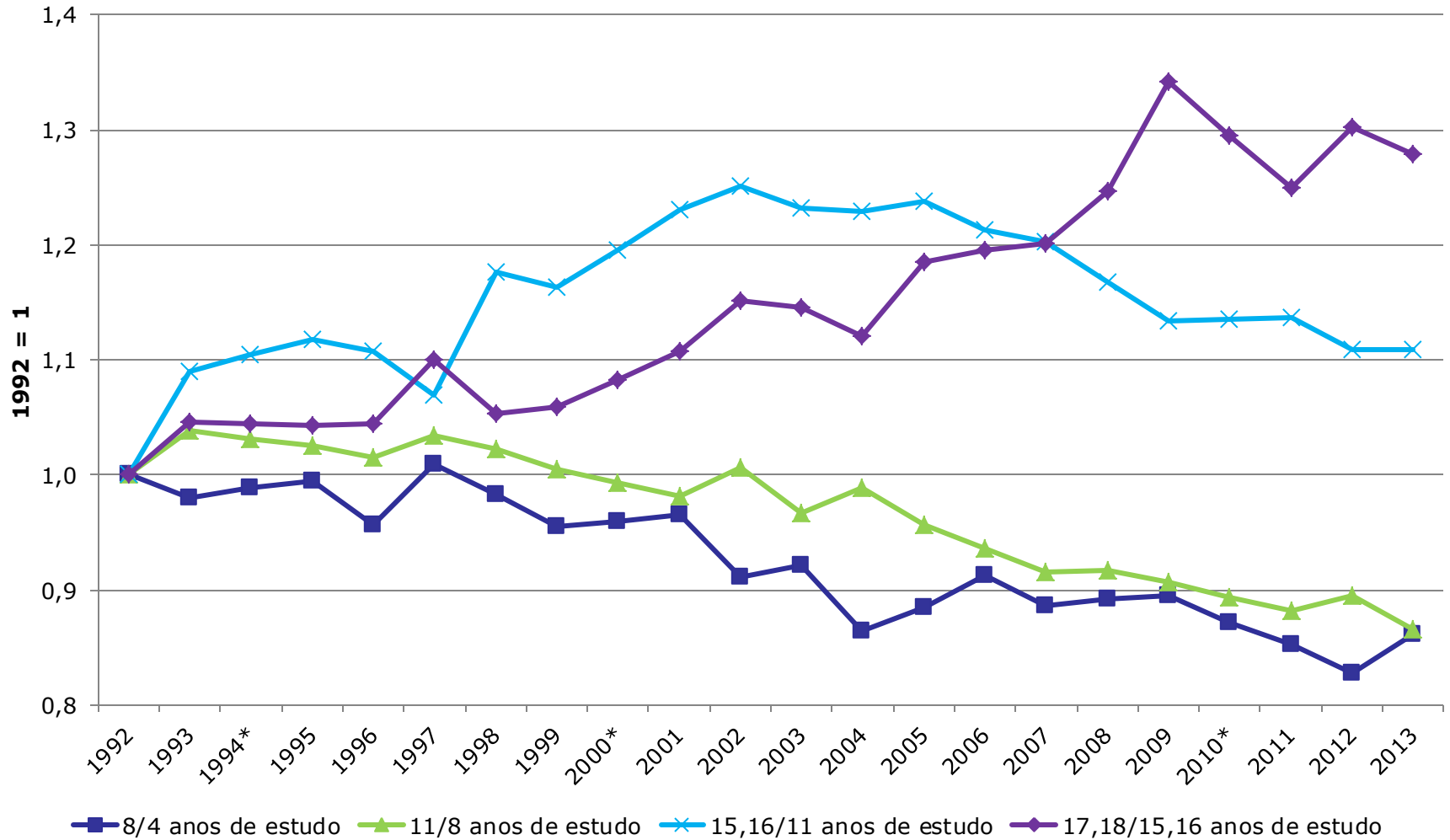


Diferencial Salarial por Anos de Estudo

O gráfico 9 mostra a evolução do diferencial salarial por anos de estudo. Desde 1992, o diferencial entre aqueles com algum ano completo no Ensino Superior em relação àqueles com Ensino Médio completo era grande e aumentou 25% até 2002. Isso indica importância da graduação no mercado de trabalho brasileiro, porém também se deve em parte ao crescimento da proporção de pessoas com o Ensino Médio completo na força de trabalho. A redução posterior do diferencial provavelmente teve influência da expansão das matrículas no Ensino Superior desde o final dos anos 1990.

O diferencial do nível de escolaridade seguinte, entre aqueles que possuem ao menos um ano de pós-graduação em relação aos graduados no ensino superior, veio aumentando ao longo de quase todo o período (de cerca de 1,3 em 1992 para 1,7 em 2013).

Evolução do Diferencial Salarial por Anos de Estudo



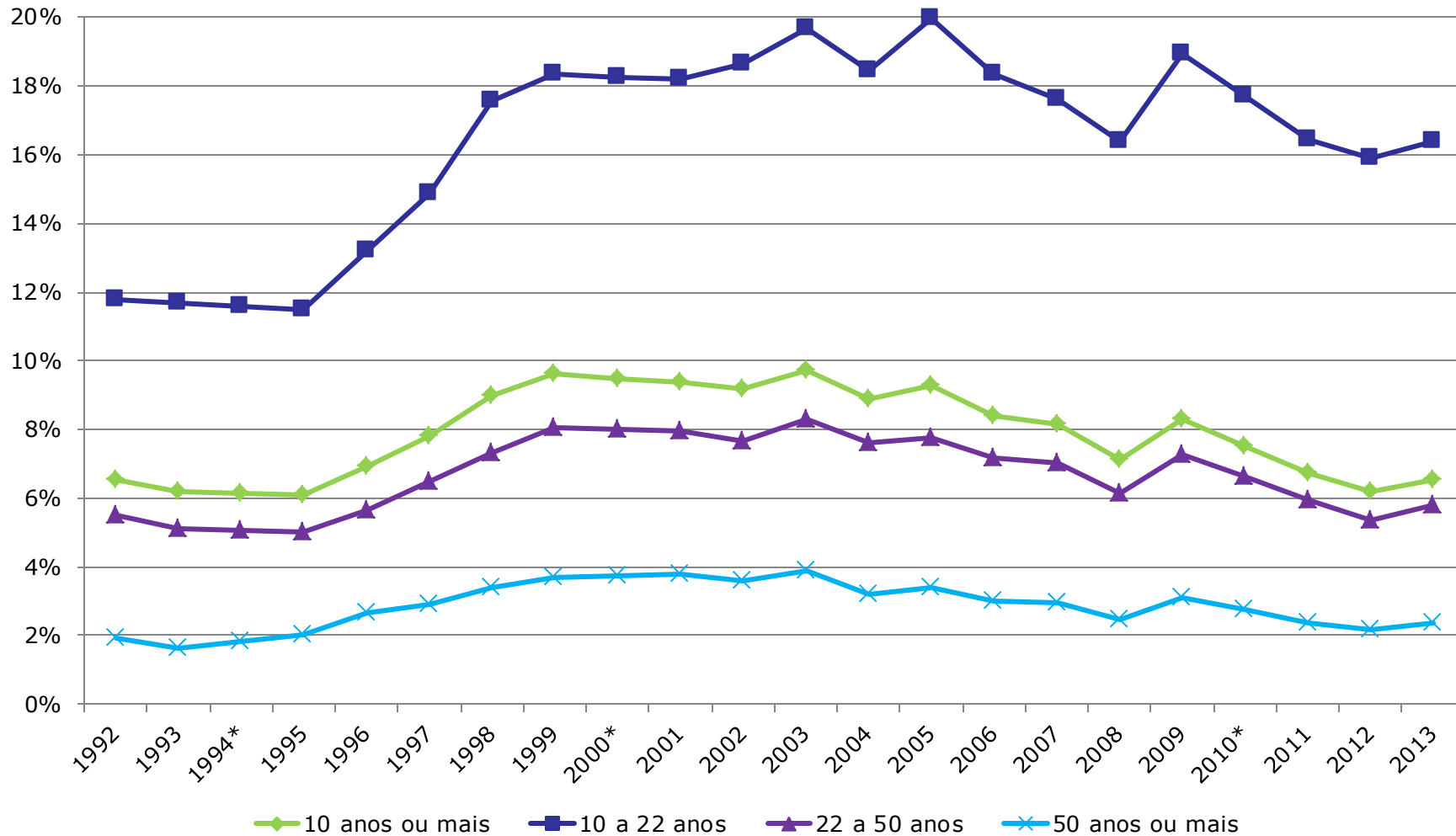
DESEMPREGO E INATIVIDADE

O gráfico 9 mostra as taxas de desemprego por faixas etárias. A taxa geral, daqueles com 10 anos ou mais, apresentou crescimento no final dos anos 1990, após período de relativa estabilidade e com os menores níveis até 1995. Entre 1999 e 2003 ela se estabilizou em patamar mais elevado (em torno de 9,5%) e posteriormente teve uma queda consistente, interrompida entre 2008 e 2009, provavelmente devido aos efeitos da crise econômica internacional. Em 2013 a taxa está ligeiramente acima ao patamar do início dos anos 1990.

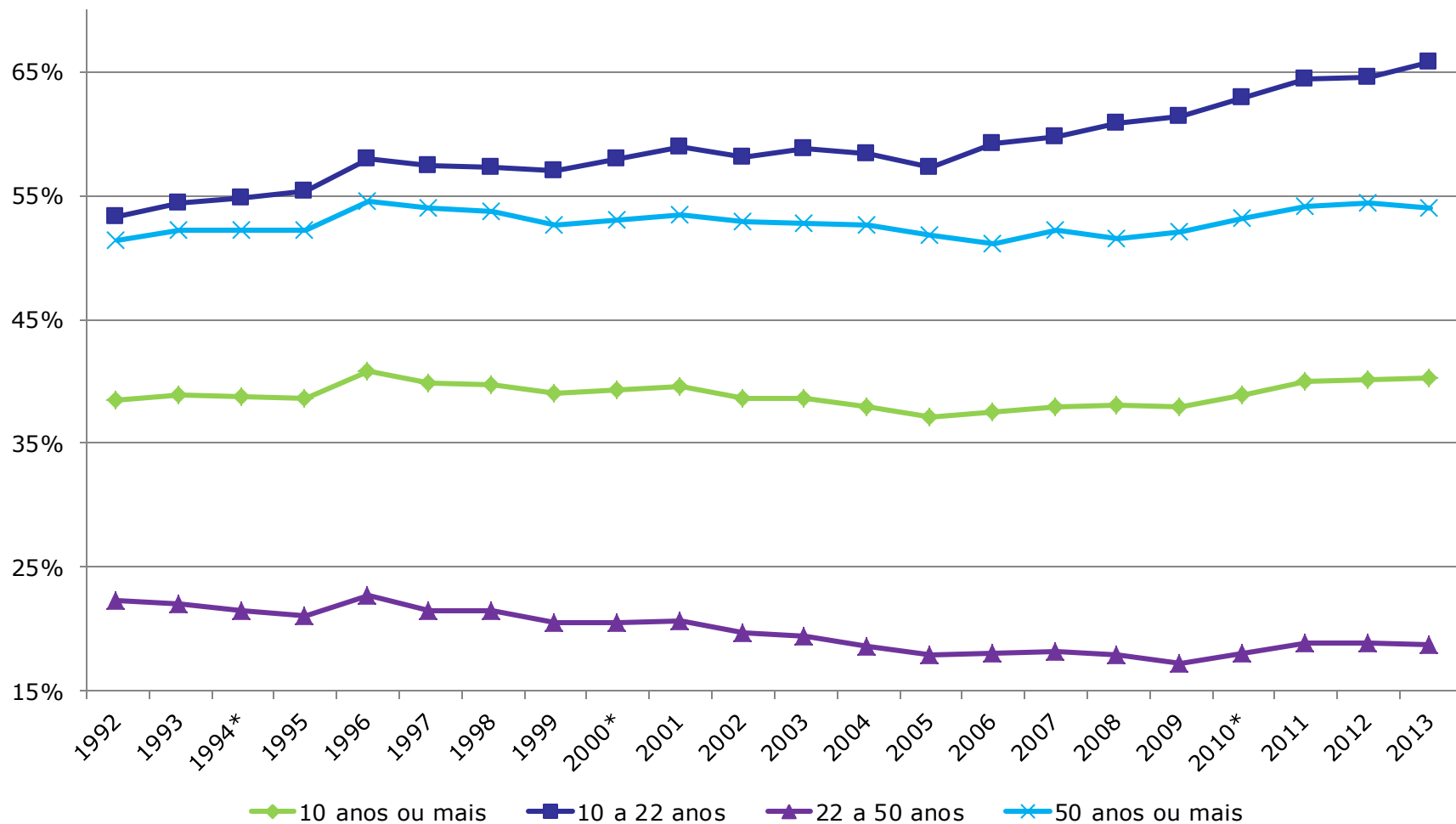
Os níveis de desemprego das diferentes faixas etárias foram mais elevados entre os mais jovens (média de 16,4% no período) e muito baixos entre os mais velhos (média de 2,8%), com tendências semelhantes ao movimento mais geral. Note que a taxa dos mais jovens não retorna aos níveis do início dos anos 1990 em 2012, como as demais faixas etárias.

A taxa de inatividade daqueles com 10 anos ou mais, mostrada no gráfico 10, exibe estabilidade em torno de 39%, com crescimento entre 2005 e 2013 (de 37% para 40,2%), mais acentuado a partir de 2009. Por faixas de idade, os mais jovens e os mais velhos apresentaram níveis maiores, devido respectivamente aos estudos e às aposentadorias.

Taxa de Desemprego por Faixa Etária



Taxa de Inatividade por Faixa Etária

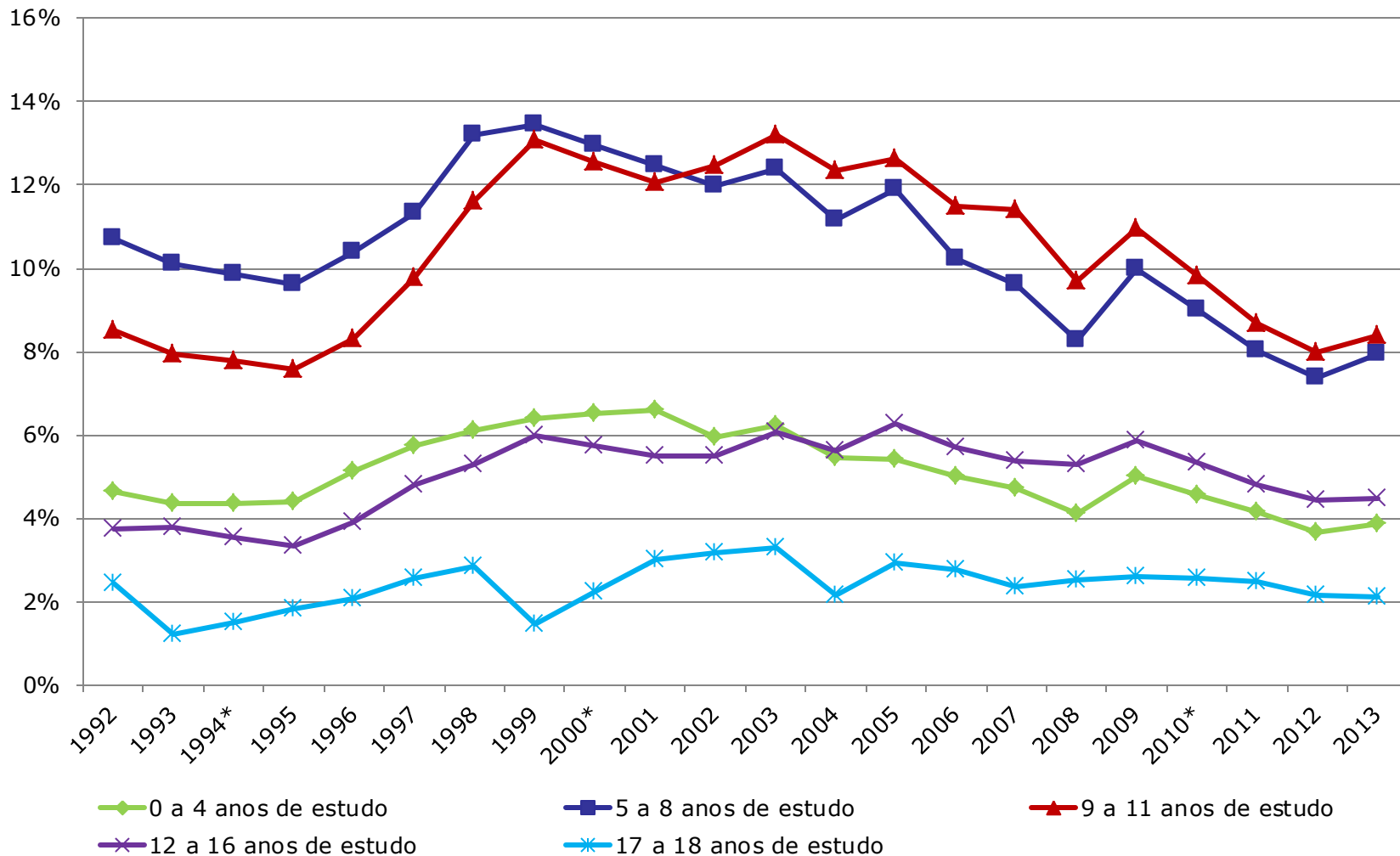


Taxa de Desemprego e Inatividade

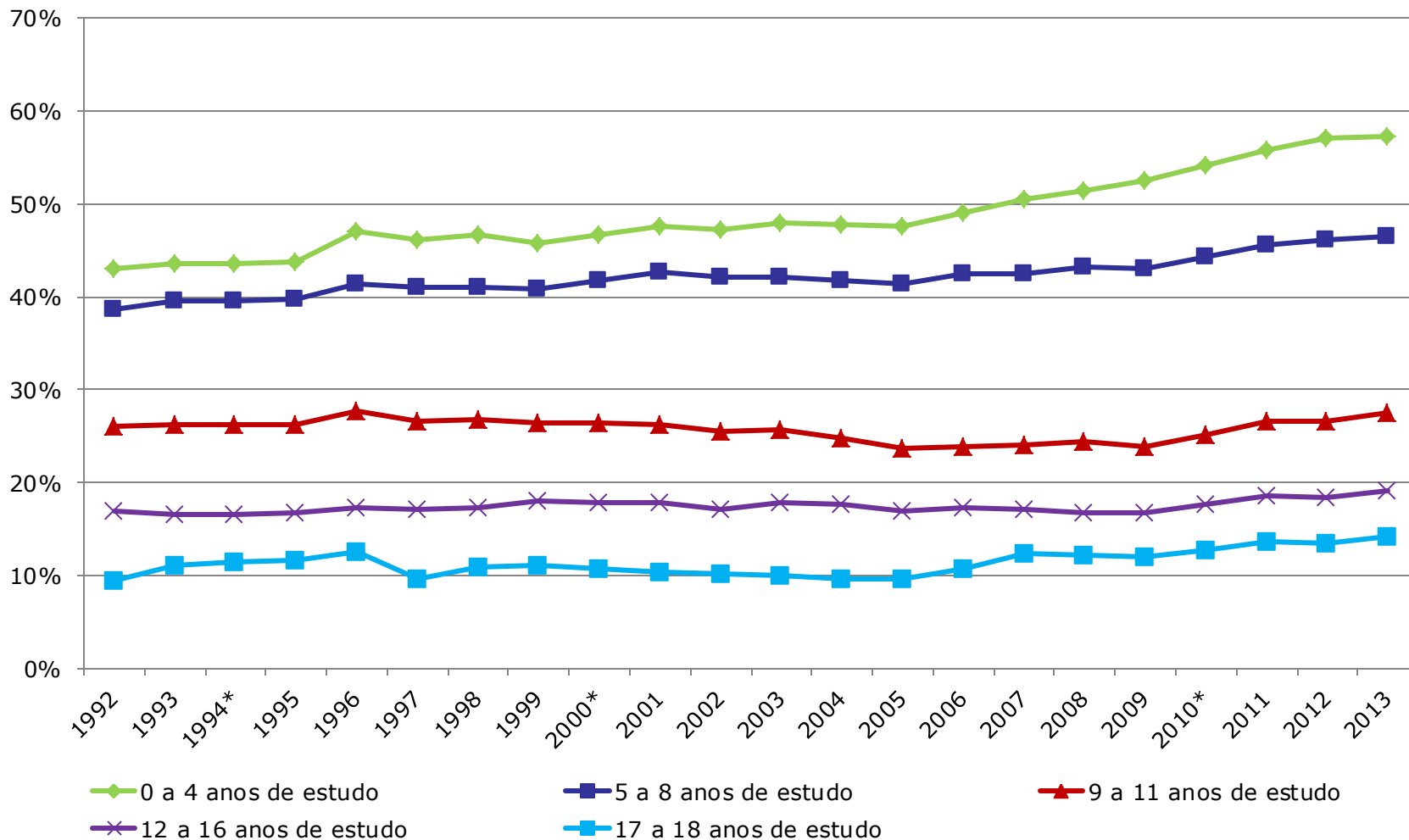
Analisando os gráficos 11, 13, 15 e 17, referentes às taxas de desemprego, nota-se que todas as faixas de escolaridade apresentaram tendências semelhantes de decréscimo a partir de meados dos anos 2000. As taxas foram menores entre os mais escolarizados, com algum ano da graduação ou pós-graduação, e entre os menos escolarizados, com até 4 anos de estudo.

As taxas de inatividade apresentaram tendências bastante variadas de acordo com a idade e escolaridade. No geral, na população com 10 anos ou mais, foram mais inativos os indivíduos das menores faixas de escolaridade, como vemos no gráfico 12. Além disso, as taxas dos menos escolarizados (com até 8 anos de estudo) tiveram aumento ao longo dos anos, enquanto os demais graus de instrução apresentaram relativa estabilidade.

Taxa de Desemprego (10 anos ou mais)



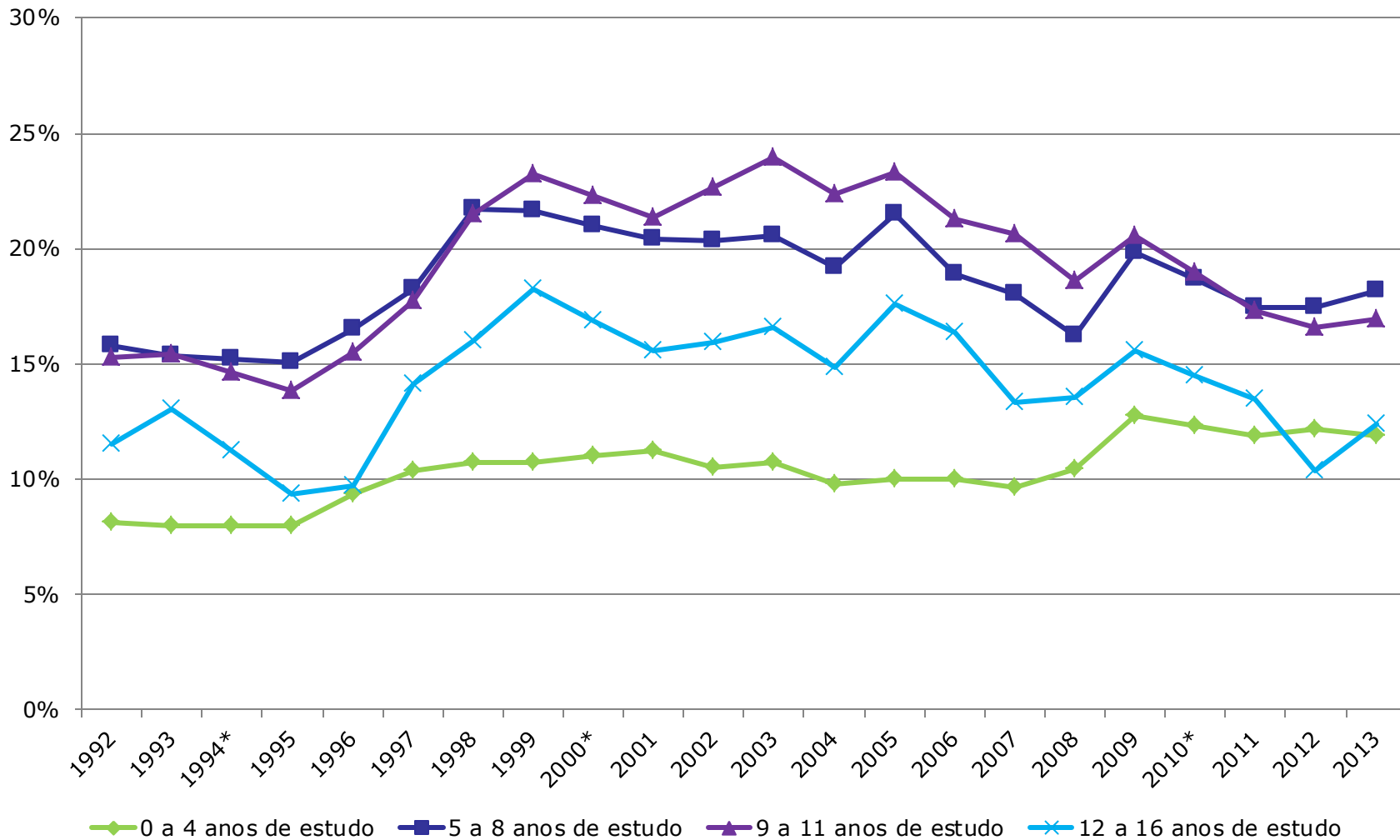
Taxa de Inatividade (10 anos ou mais)



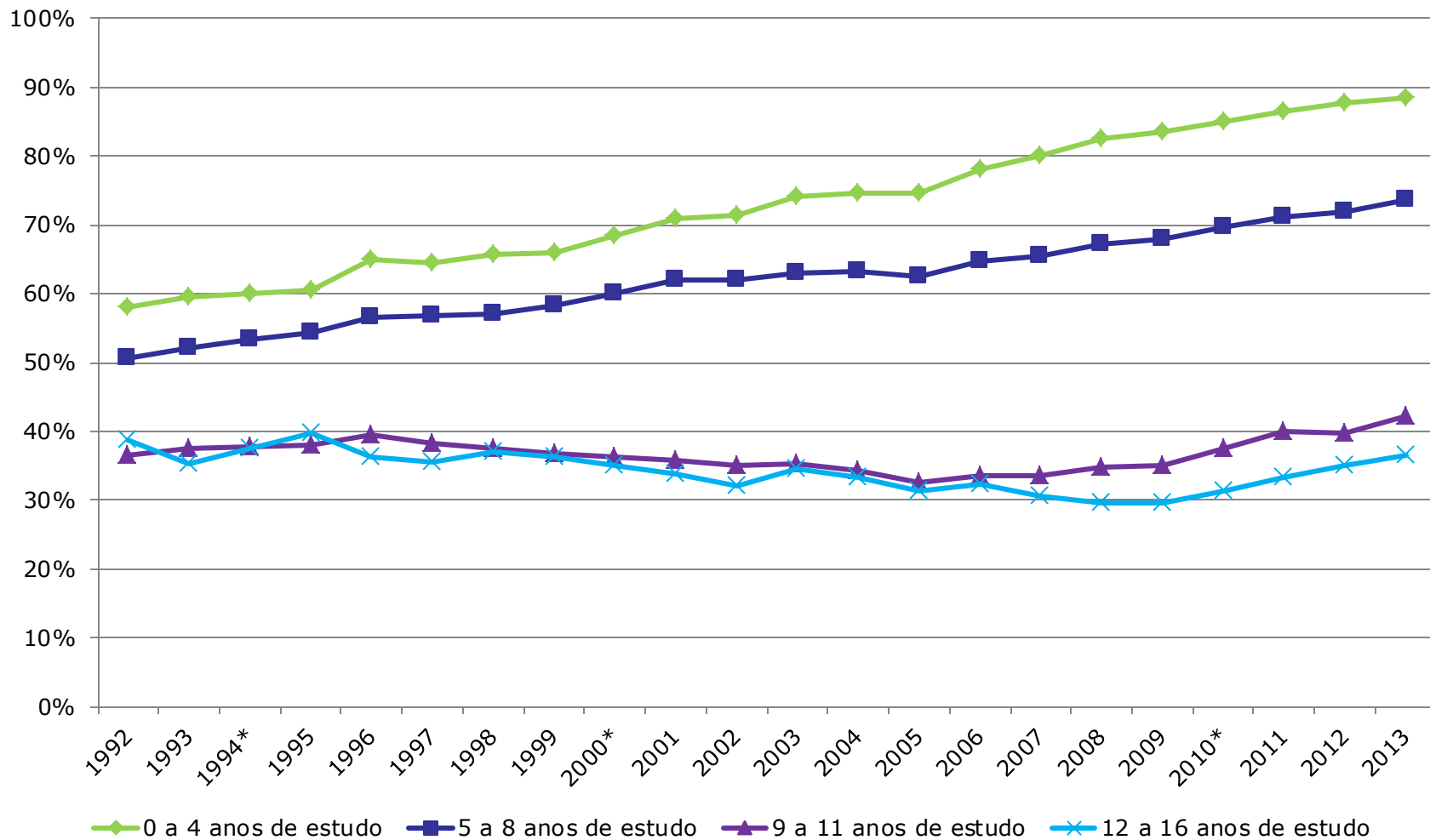
Entre os jovens com até 22 anos (gráfico 13) as taxas de desemprego foram mais baixas entre aqueles com até 4 anos de estudo. Em relação às taxas de inatividade, houve crescimento acentuado no período como um todo entre indivíduos com 5 a 8 anos de estudo (23 pontos percentuais, chegando a 73% em 2013) e com até 4 anos de estudo (30 p.p., chegando a 88% em 2013). Esses movimentos provavelmente se devem à maior permanência das crianças e adolescentes nas escolas, sem trabalhar.

Entre os adultos com 22 a 50 anos (gráfico 15) a taxa de desemprego foi menor entre as pessoas com 0 a 4 anos de estudo, enquanto a taxa de inatividade teve decréscimo geral até 2009, quando passou a aumentar. Entre indivíduos maiores de 50 anos (gráfico 17), a taxa de desemprego se manteve relativamente baixa, inferior a 6,5% desde 2004 para todas as faixas educacionais, enquanto que a taxa de inatividade seguiu alta. Aqueles que concluíram ao menos um ano no ensino superior mantiveram taxas de inatividade muito mais baixas, do que o restante dos graus de ensino, cujos percentuais nos anos 1990 estavam entre 50% e 55%. A partir de 2000, a taxa daqueles com até 4 anos de estudo se manteve no mesmo nível até 2008, quando passou a aumentar, enquanto que os graus de ensino intermediários apresentaram redução até 2008, com pequeno crescimento posterior.

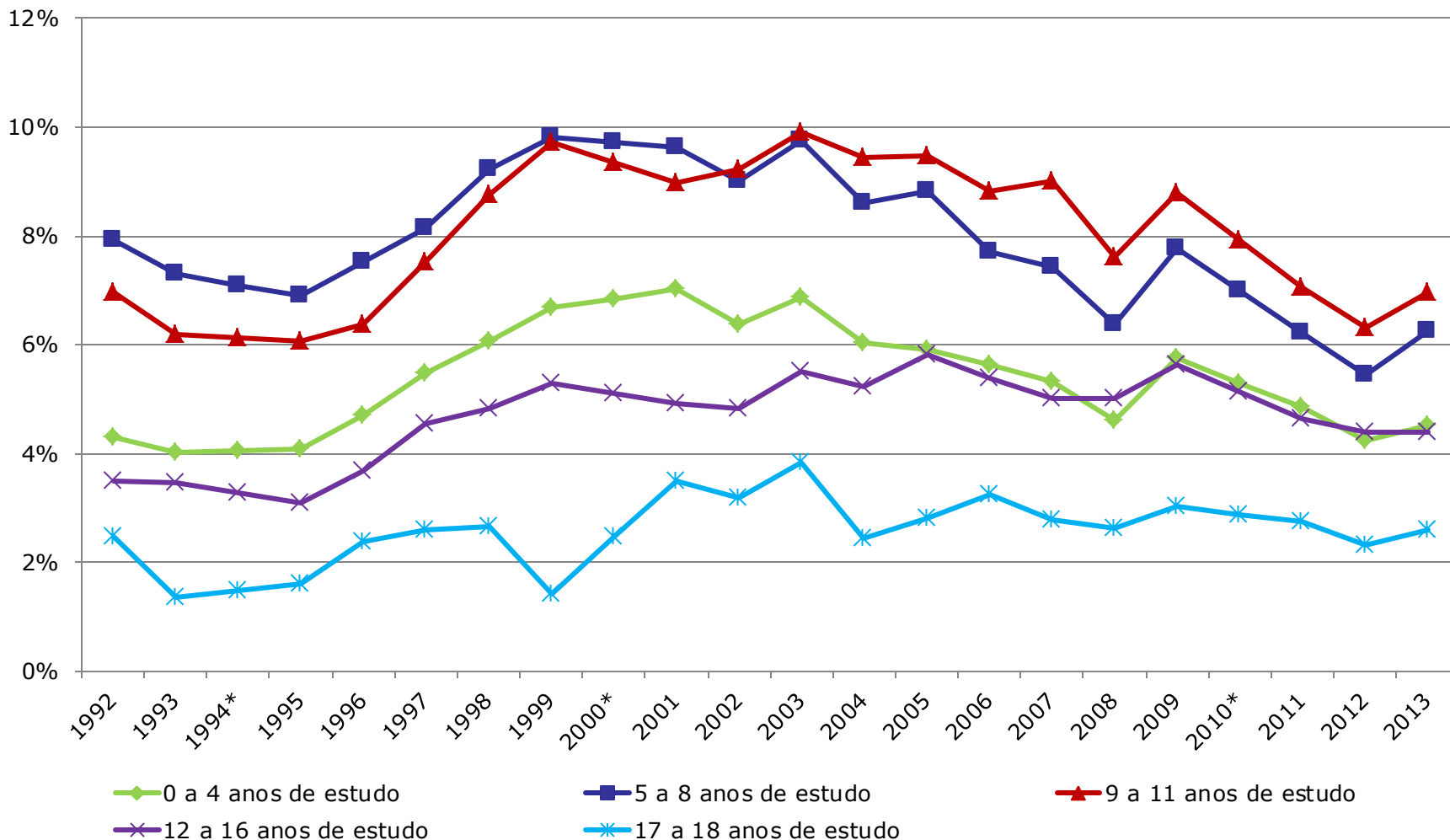
Taxa de Desemprego (10 a 22 anos)



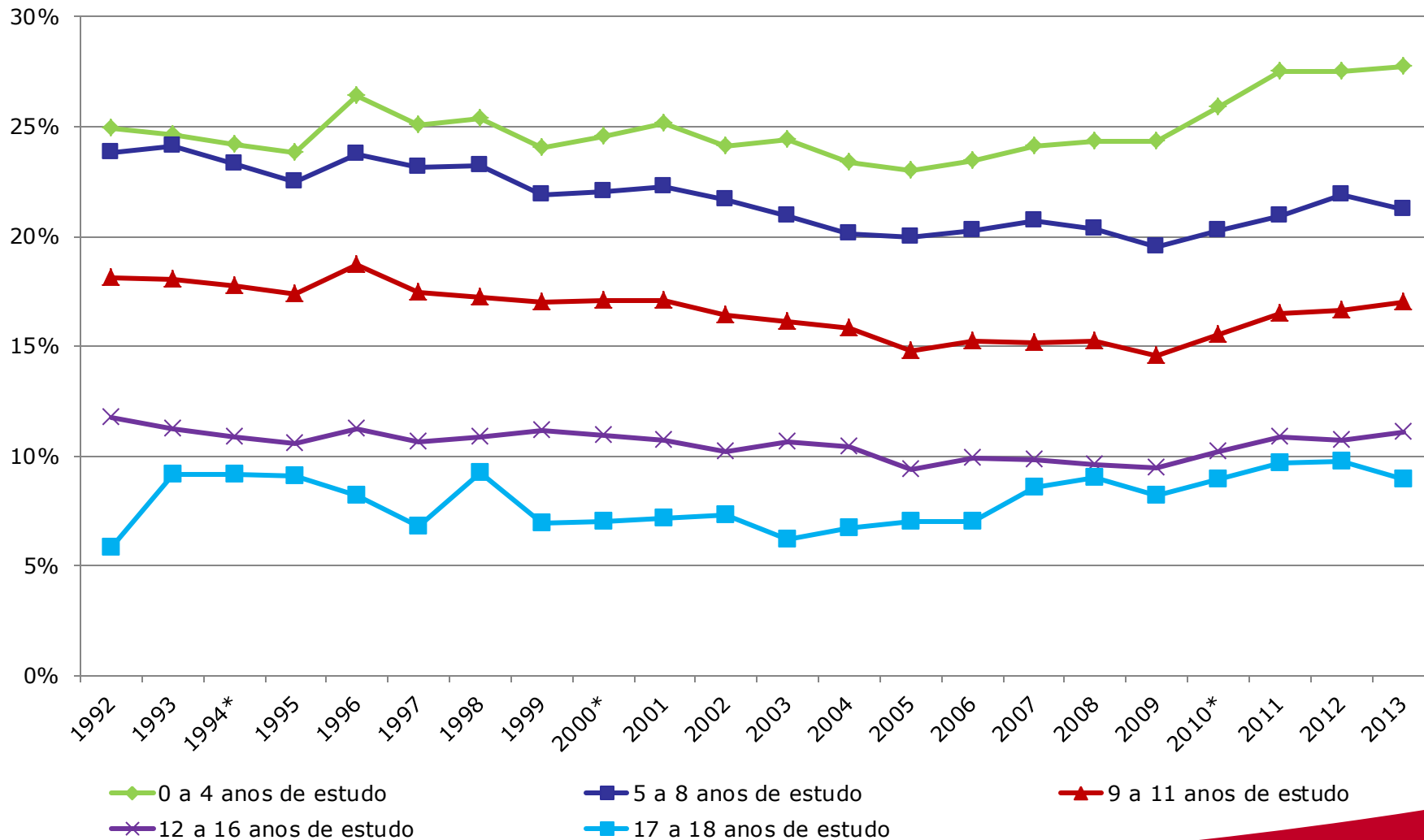
Taxa de Inatividade (10 a 22 anos)



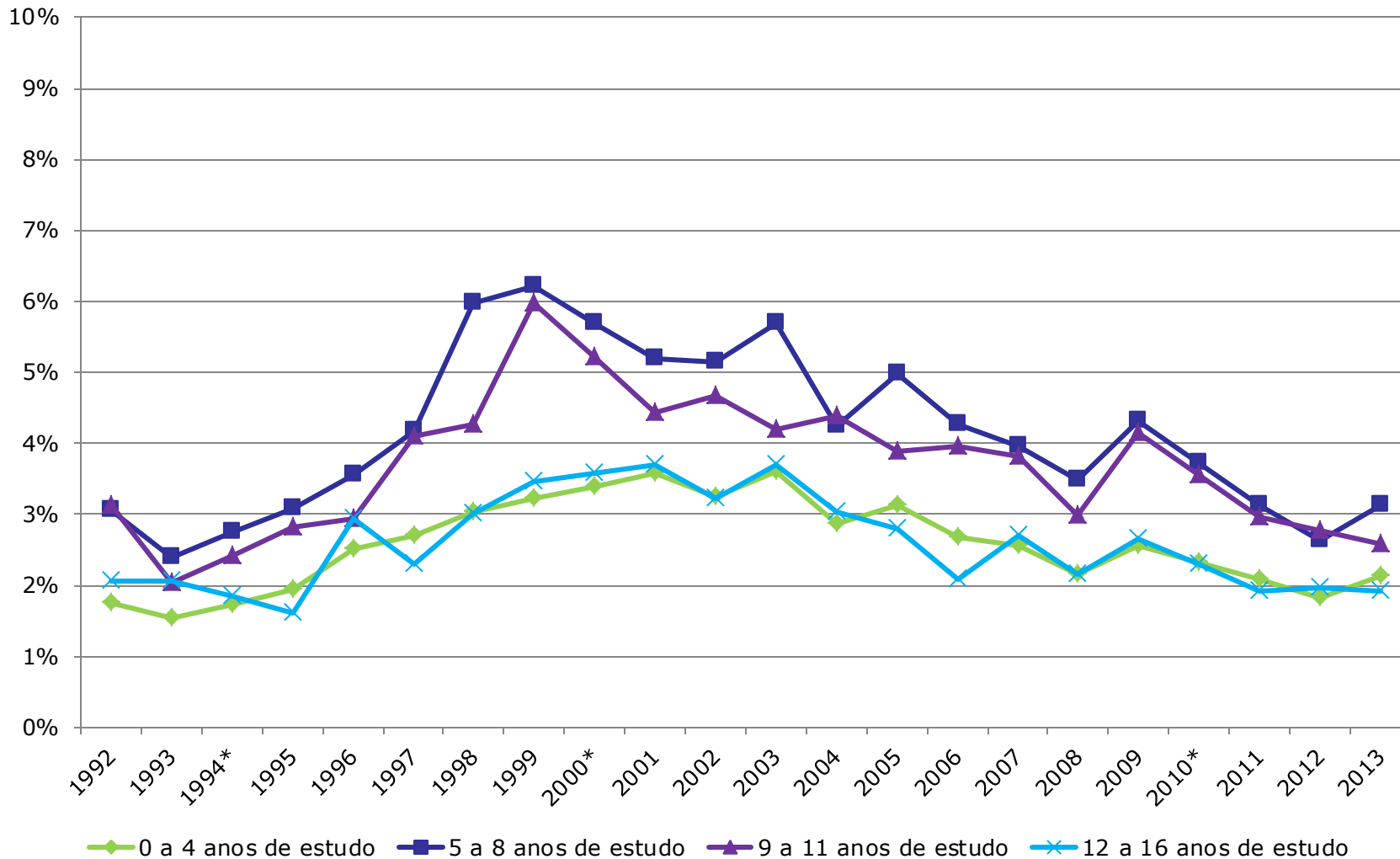
Taxa de Desemprego (22 a 50 anos)



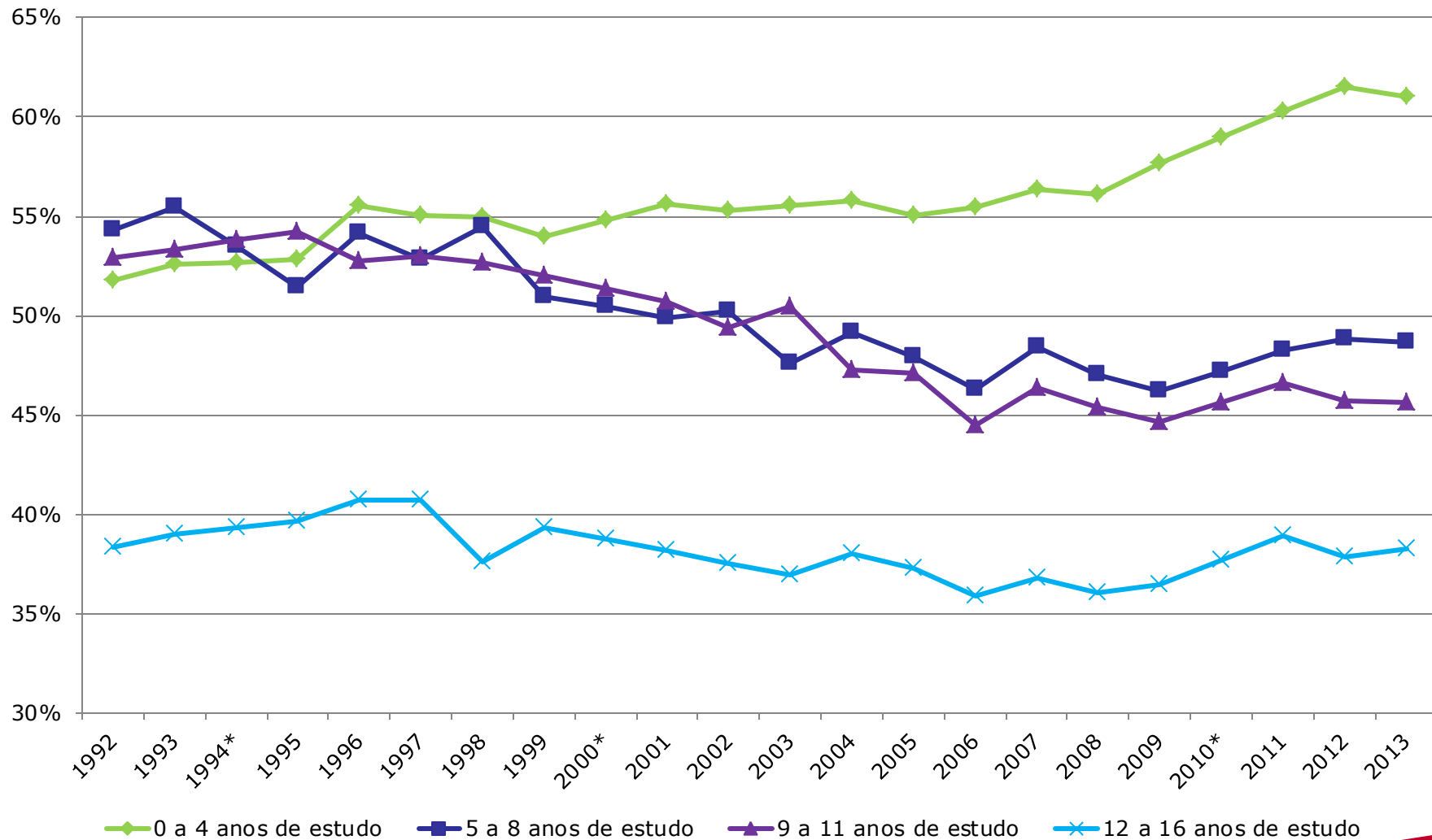
Taxa de Inatividade (22 a 50 anos)



Taxa de Desemprego (50 anos ou mais)



Taxa de Inatividade (50 anos ou mais)



Panorama do Mercado de Trabalho

Centro de Políticas Públicas do Insper

Contato:

<http://www.insper.edu.br/cpp/>

<http://www.insper.edu.br/blogdocpp/>

CPP no Twitter: @cpp_insper

E-mail: cpp@insper.edu.br